

A verdadeira voz do Milli Vanilli é revelada no dia da mentira. Página 6

Diretores lançam espetáculos que investigam o teatro. Página 2



A jovem Rafaela segue os passos da mãe Camila Amado. Página 3

B

Celebração ecológica de Milton

Show de Milton Nascimento reuniu, na noite de sábado, em Botafogo, músicos, índios e 20 mil espectadores, no primeiro grande espetáculo em torno da Rio-Eco 92



Milton cantou sob a inspiração dos índios

EVA SPITZ

Rio de Janeiro já estava com saudade da voz de Milton Nascimento ecoando pelos quatro ventos. E o sistema de som fez juiz ao acontecimento: *Txai*, o primeiro grande detonador da Rio-Eco 92 — conferência internacional de meio ambiente que vai acontecer na cidade, no próximo ano —, se fez ouvir por toda a Praia de Botafogo para cerca de 20 mil pessoas aglomeradas sob a lua cheia do último sábado, em amplificação impecável. Sem discursos ecológicos ou políticos, apenas calçada em letras e canções pungentes —, a maioria pertencente ao último disco *Txai*, de Milton Nascimento, e ao seu repertório mais antigo — a primeira grande manifestação ecológica do ano se realizou sem que caísse um pinga de chuva sequer, apesar dos prognósticos. Dizia-se que foram os índios convidados especiais da festa, que afastaram, com suas evocações, a chuva torrencial dos últimos dias. É possível.

Um dia antes do mega-show, na sexta-feira, os krenak de Minas, os Poianauá e Kaxinauá do Acre, os Suruí de Rondônia e os Yanomani, de Roraima, hospedados em um albergue em Botafogo, fizeram uma cerimônia com cânticos evocando os elementos da natureza para "suspender o céu, e deixar as nuvens passarem", segundo contou ao final do show Aliton Krenak, o índio aculturado de 37 anos, coordenador nacional do movimento de União das Nações Indígenas. "Só quando o homem se distancia da natureza, ele se esquece da linguagem e não sabe mais pedir sol e chuva. Nós temos a memória de quando o mundo foi criado. Recebemos do mundo as flautas longas e o maracá. Enquanto a gente toca, o céu fica no firmamento, o sol faz o seu caminho natural e as estrelas marcam as passagens do tempo", disse ele poético. Kevin Costner ia adorar.

E foram os índios — ao todo nove — que iniciaram o show, pontualmente às 20h, com uma cerimônia chamada Hoetê, munidos de suas flautas longas, com Milton vocalizando um canto Yanomani. Ao final do show, Milton, ovacionado pela platéia, só disse o seguinte: "quero mandar um abraço para todos aqueles que achavam que ia chover". Deu uma risadinha mineira e saiu do palco em direção ao hotel, Rio Othon Palace, de onde partiu ontem à noite com a sua banda para uma turnê internacional que se inicia pelos Estados Unidos, segue para o Canadá e vai terminar na Europa em agosto.



Os próprios índios registraram em vídeo o show de três horas em Botafogo, que teve a participação de Caetano Veloso



O show durou cerca de três horas. Participaram os seringueiros do Acre Osmarino e Macedo, Caetano Veloso — como era de se esperar ele cantou *Um Índio, Terra e Ledozinho* —, Marlui Miranda, tudo pontuado elegantemente por clips da viagem de Milton pela Amazônia, uma aparição emocionante de Chico Mendes, durante uma canção que Milton compôs em homenagem a John Lennon *Canção do novo mundo*, em 1983, e closes dos cantores nos dois telões, de cada lado do palco. O palco foi montado na ponta da enseada de Botafogo, junto ao Morro da Viúva. Devido ao excesso de luz concentrado no palco pelas gravações da Rede Manchete, que transmitiu o show no mesmo sábado, mais à noite, o povo que estava ao fundo, perto do cinema Ópera, não podia ver o que acontecia no palco.

Emocionado ao final, Osmarino Amâncio, o líder seringueiro que ocupa atualmente o lugar de Chico Mendes, elogiou o empenho de Milton Nascimento que "ficou meses na floresta cantando e acompanhando os conflitos, os assaltos, os assassinatos, ao contrário de muita gente que fala de ecologia e está completamente desligada do problema social. Ele, não, ele está com o pé na lama com a gente", disse. Osmarino, que convive com 15 mil índios no Acre, dos 160 mil que se calcula para todo o Brasil, espera que a Eco 92 seja para discutir as questões do desequilíbrio que vive a Floresta Amazônica. Ele vai encontrar-se com Milton no meio de

sua turnê internacional para continuar denunciando as multinacionais que estão depredando a Amazônia e já contribuíram com 400 mil km² de área devastada. E chamar atenção para a maneira como estão sendo empregados os empréstimos dos bancos mundiais na Amazônia, "que só servem para fomentar injustiças e miséria".

Ontem, os índios, entre fascinados e insatisfeitos com a visão que tiveram do mar de Botafogo — "local de maior poluição do mundo", segundo Milton Nascimento —, quiseram conhecer mais. Afinal, eles jamais tinham visto o mar. O empresário de Milton, Márcio Ferreira, 40 anos, aproveitou o dia com um pouco de sol para levá-los a Barra da Tijuca, e aos pontos turísticos da cidade. Empresário de Milton Nascimento há anos, Márcio também conviveu longamente com os índios, durante a produção do LP, gravado há um ano e meio. Só ele percorreu uns 65 mil quilômetros pelo Brasil, não só para gravar os sons dos índios, mas para conhecê-los. "A gente não está trabalhando para os povos da floresta, mas com os povos da floresta", frisa. A melhor prova disso foi o próprio evento de sábado em que Milton Nascimento revelou, através de um repertório composto não só canções recentes, mas de sucessos mais antigos, como *Paula e Bebeto*, *Fê cega faca amolada*, *Maria Maria*, *Nos bailes da vida* e *Travessia*, que a sua solidariedade aos índios transcende ao modismo ecológico.